

O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL A PARTIR DE FOTOGRAFIAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NO DISTRITO DE MOSQUEIRO-PAⁱ

Geraldo Magella de Menezes Netoⁱⁱ

Resumo: O presente artigo trata-se de um relato de experiência no ensino de História na 5^a série do ensino fundamental no distrito de Mosqueiro, Pará, utilizando as fotografias como recurso didático para o ensino da história local/regional. Compreendemos que é necessário que os alunos conheçam a história de sua localidade antes de adentrar em temas distantes temporalmente e espacialmente. Nesse sentido, as fotografias revelam-se uma fonte bastante interessante, pois permite que os alunos estabeleçam a comparação passado-presente, além de estimular a compreensão da noção de tempo histórico.

Palavras-chave: Ensino de História; Fotografias; História Local; História Regional.

Abstract: This paper deals with is an experience report on history teaching in the 5th grade of elementary school in Mosqueiro district, Pará, using photos as a teaching resource for the teaching of local / regional history. We understand it is necessary to students know the history of their locality before entering on distant subjects temporally and spatially. In this sense, the photographs turn out to be a very interesting source, because it allows to students establish a past-present comparison, and encourage understanding of the historical time notion.

Keywords: History teaching; photographs; Local History; Regional history.

Introdução

A História como disciplina escolar no Brasil se inicia no século XIX. O Colégio Pedro II, localizado na então capital do Império, Rio de Janeiro, estabelece em seu primeiro Regulamento de 1838 a inserção dos estudos históricos no currículo a partir da sexta série.

A História inicialmente estudada no país tem uma matriz europeia, tendo como influência os manuais franceses. Assim, segundo Elza Nadai, essa História ensinada aos alunos foi “a História da Europa Ocidental, apresentada como a verdadeira História da Civilização. A História pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando papel extremamente secundário.” (NADAI, 1992/1993, p. 146.)

Apesar de hoje a história do Brasil já ocupar um espaço maior, a história da Europa ainda é privilegiada. Basta observar os conteúdos dos livros didáticos de

História da 5ª série e 6ª séries, por exemplo, na qual são priorizadas as populações européias, como Grécia e Roma.

Desse modo, quando os alunos chegam à 5ª série/6º ano (Ciclo III do Ensino Fundamental), série na qual geralmente tem o primeiro contato com a História como disciplina autônoma, acabam por estudar povos distantes espacialmente. Não que não seja necessário o estudo da história de outras sociedades. No entanto, numa série em que os alunos se deparam com grandes novidades no ensino em relação às séries anteriores, o estudo apenas de realidades distantes pode gerar dificuldades de compreensão da História, além de criar a ideia de que a história de sua região não tem importância.

Diante disso, há uma necessidade de que o professor de História também trabalhe com os alunos a história local ou regional. Marcos Lobato Martins destaca que “o ‘lugar’ e a ‘região’ respondem a demandas individuais e coletivas por segurança, continuidade histórica e pertencimento a algum tipo de comunidade de destino.” (MARTINS, 2012, p. 139). Martins explica que:

História Regional é aquela que toma o espaço como terreno de estudo, que enxerga as dinâmicas históricas *no* espaço e *através* do espaço, obrigando o historiador a lidar com os processos de diferenciação de áreas. A História Regional é a que vê o lugar, a região e o território como a natureza da sociedade e da história, e não apenas como o palco imóvel onde a vida acontece. (MARTINS, 2012, p. 143).

Assim, o presente trabalho pretende chamar a atenção para uma experiência de ensino da história regional ou local, no caso aqui específico, a história do distrito de Mosqueiro (distrito pertencente a Belém-PA)ⁱⁱⁱ a partir da análise de fotografias antigas do distrito. Tais fotografias, disponíveis em livros, na internet e em acervos de particulares, são do início do século XX, momento em que o distrito era visto como um lugar de lazer para as elites econômicas de Belém, que passam a construir várias residências de férias, os chamados “casarões” ou chalés. O relato de experiência se refere a atividades realizadas com alunos da 5ª série/6º ano das escolas Professor Remígio Fernandez e Professor Abel Martins e Silva no ano de 2014.

Fotografias na sala de aula

Em texto publicado no início dos anos 1990, Elza Nadai chamava a atenção para as novas perspectivas do ensino de História após a ditadura militar (1964-1985). Nesse contexto de redemocratização, o ensino de História também deveria ser repensado. Dentre as perspectivas apontadas por Nadai, estavam a “superação da dicotomia ensino e pesquisa”, para “resgatar a historicidade dos próprios alunos”, além do “uso de fontes variadas e múltiplas, com o objetivo de resgatar discursos múltiplos sobre temas específicos.” (NADAI, 1992/1993, pp. 159-160)

As imagens apresentam-se como uma fonte com bastante potencial para as aulas de História. Circe Bittencourt destaca que desde o século XIX os livros de História do Brasil já continham em suas páginas imagens, sobretudo relacionadas à política, para apresentar aos jovens estudantes personagens como Pedro Álvares Cabral, o “descobridor”, e Tomé de Souza, o primeiro “chefe político”. (BITTENCOURT, 2013, p. 77).

Hoje as fotografias são utilizadas não mais como meio de glorificar personagens políticos, mas como instrumento de análise. Como qualquer fonte, a fotografia deve ser criticada pelo historiador e pelo professor de História. Compreendemos que a fotografia é um “documento/monumento”, como diz Jacques Le Goff, pois, é “o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram.” Nesse sentido, “é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF, 2003, pp. 537-538).

Circe Bittencourt aponta que “é sempre necessário perguntar o que está sendo fotografado, a fim de compreender *por que* e *para que* algumas fotografias foram feitas.” Isso é importante porque uma foto “é sempre produzida com determinada intenção, existem objetivos e há arbitrariedade na captação das imagens.” (BITTENCOURT, 2004, p. 367).

Se a fotografia não é necessariamente prova incontestável da verdade, e portanto, não constitui documento irrefutável da história, Júlio Pimentel Pinto e Maria Inez Turazzi indicam que convém ao historiador e ao professor, “o conhecimento dos diferentes mecanismos pelos quais uma fotografia, além de provocar nossa imaginação, também pode esconder, dissimular ou mesmo mentir sobre

determinado personagem, tema ou acontecimento.” (PINTO; TURAZZI, 2012, p. 116).

Desse modo, Regina Oliveira, Vanusia Almeida e Vitória Fonseca apontam que “o primeiro elemento a ser considerado ao analisarmos uma fotografia é o contexto de sua produção: qual a relação possível de ser estabelecida entre o tempo e o espaço que a imagem traz?” (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012, p. 51). Em segundo lugar, temos as questões de autoria da imagem: “quem a produziu? Quais as intenções pessoais e profissionais que cercam essa produção?” (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012, p. 52). Nesse sentido, é importante o papel do professor:

Na medida em que o senso comum atribui à fotografia o sentido de “retratação do real”, cabe a nós professores, fazermos a mediação entre esse conceito e as concepções que nossos alunos possuem sobre as implicações da manipulação da imagem fotográfica. Para analisarmos esse aspecto, é importante compreendermos não só o contexto de produção fotográfica, o cenário, os enquadramentos etc. A imagem fotográfica não deve ser tomada como ponto final de uma análise, mas como ponto de partida para o resgate e montagem de uma informação, na medida em que permite que sejam vistos fragmentos de uma determinada sociedade, enquadrados em uma imagem fixa, representando pessoas, objetos, roupas etc. (OLIVEIRA; ALMEIDA; FONSECA, 2012, p. 49).

A fotografia auxilia ainda os alunos a estabelecerem conexões entre o passado e o presente. No sentido de contribuir para que os alunos compreendam a realidade atual em perspectiva histórica, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* da área de História nos ciclos III e IV do ensino fundamental, sugerem “o desenvolvimento de atividades nas quais possam questionar o presente, identificar questões internas às organizações sociais e suas relações em diferentes esferas da vida em sociedade”; “identificar relações entre o presente e o passado, discernindo semelhanças e diferenças, permanências e transformações no tempo.” (BRASIL, 1998, pp. 53-54).

Fotografias para o ensino da história regional/local

As fotografias podem ser utilizadas como fonte na sala de aula para tratar de vários temas. No entanto, iremos focar aqui como as fotografias podem contribuir para o estudo da história regional/local.

A primeira tarefa é selecionar as fotografias a serem utilizadas nas aulas, o que demanda uma pesquisa. Para Marcos Lobato Martins, “os professores de História, para levar às salas de aula a História Regional e Local, terão que virar pesquisadores. Ensino e pesquisa, teoria e prática terão que ser definitivamente associados.” (MARTINS, 2012, p. 146).

Nesse sentido, alguns cuidados devem ser tomados, haja vista que a maioria das fontes para a história regional/local reserva espaço ao estudo dos chamados aspectos políticos: Ressaltam-se, por exemplo, “a origem e a evolução do município e do estado”, “os vultos que contribuíram para o progresso da cidade, da região”, o que acaba por difundir a memória das elites locais. (FONSECA, 2003, pp. 154-155).

No caso do distrito de Mosqueiro, a principal referência que temos é a obra *Mosqueiro: ilhas e vilas*, de Augusto Meira Filho, publicada em 1978. Segundo Maria de Nazaré Sarges, Meira Filho, nascido em 1915 em Belém, foi escritor, político, poeta engenheiro e historiador, ocupando muitos cargos políticos colaborando com vários governos. (SARGES, 2007, p. 329). Para Sarges, “a sua vasta contribuição historiográfica coloca-o, sobretudo na década de 1970, como um dos principais intérpretes da formação histórica da cidade de Belém.” (SARGES, 2007, p. 329).^{iv}

Apesar da obra de Augusto Meira Filho trazer várias contribuições sobre a história de Mosqueiro, há de se destacar os interesses do autor, que foi um dos responsáveis pela construção da ponte que liga Belém a Mosqueiro, inaugurada em 1976. Nesse sentido, Meira Filho busca se afirmar como um dos “vultos” da história de Mosqueiro.^v Assim, apesar de considerar a obra *Mosqueiro: ilhas e vilas* como fonte importante para a história de Mosqueiro, devemos tomá-la em seu contexto e de acordo com os interesses do autor.

Tendo em conta esses cuidados, procedemos a pesquisa também em revistas^{vi} e na internet. No livro *Belém da saudade: A memória da Belém do início do século em cartões-postais*, encontramos duas fotografias de Mosqueiro no início do século XX. As fotografias indicam como editor E. F. Oliveira Junior, que pode ter sido o fotógrafo ou aquele que manipulou a imagem para transformá-la em cartão postal.

Encontramos também algumas fotografias antigas de Mosqueiro em alguns blogs na internet, como o Blog *Mosqueirando*, de Claudionor Wanzeller^{vii}, Blog *Mosqueiro Sustentável*, de Eduardo Brandão^{viii}, Blog do Haroldo Baleixe^{ix}, além do Blog da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA.^x Tais blogs, principalmente

os de Claudionor Wanzeller e Eduardo Brandão, visam “resgatar” a história de Mosqueiro, contando a história dos casarões antigos, “causos”, lendas, além de divulgar fotografias antigas de Mosqueiro, preocupando-se também com a preservação do patrimônio histórico do distrito.

Segundo Circe Bittencourt, “na seleção de imagens, um primeiro ponto a levar em conta é a escolha de ‘imagens fortes’ como documento”, imagens que sejam representativas, “capazes de causar um impacto visual”, para motivar os alunos e “trazer informações substantivas sobre o tema ou gerar questionamentos.” Bittencourt recomenda também que o professor de História trabalhe com “uma ou duas fotos”, para que “possam ser exploradas com cuidado, iniciando o aluno nas análises de leitura interna e externa.” (BITTENCOURT, 2004, p. 368).

Os objetivos das atividades desenvolvidas com os alunos da 5ª série/6º ano das escolas Professor Remígio Fernandez e Professor Abel Martins e Silva no ano de 2014, nortearam na escolha das imagens. Dentre os objetivos da atividade estavam os de: estudar a história regional/local do distrito de Mosqueiro; comparar o passado e o presente de Mosqueiro a partir de fotografias; oportunizar aos alunos o contato com as fontes históricas sobre o distrito de Mosqueiro; compreender as transformações urbanas ocorridas em Mosqueiro a partir das fotografias. Constatamos que o uso das fotografias no estudo de história regional ou local “revelam-se extremamente motivadores para os alunos porque lhes permitem realizar atividades sobre temas que lhes despertam o interesse, pela sua relação com o passado do que ainda reconhecem os mais variados vestígios.” (MANIQUE, PROENÇA *apud* FONSECA, 2003, p. 159). Soma-se a isso, a importância dos alunos perceberem o conceito de *tempo*, fundamental no ensino de História na escolaridade básica, que supõe que se estabeleçam “relações entre continuidade e ruptura, permanências e mudanças/transformações, sucessão e simultaneidade, o antes-agora-depois.” (BEZERRA, 2012, p. 45).

A atividade na prática: relato de experiência no uso de fotografias nas turmas de 5ª série/6º ano

As atividades realizadas buscaram em um primeiro momento que os alunos percebessem que a fotografia pode ser questionada, que ela não representa em si o

passado. Pedimos aos alunos que identificassem alguns elementos presentes nas fotografias e fizessem a comparação com o presente:



Imagem 1: “Outra vista da Praça Matriz, em Mosqueiro, ornamentada para dia de festa.” (Coleção Victorino Chermont de Miranda). (BELÉM DA SAUDADE, 1998, p. 258).

A imagem acima trata-se de um cartão postal do início do século XX (não sabemos o ano exato de sua produção) da Praça Matriz de Mosqueiro. Na atividade realizada, os alunos conseguiram identificar a Praça. Mas ao mesmo tempo notaram algumas diferenças, como a decoração para uma festa e principalmente as vestimentas das pessoas da foto, vistas pelos alunos como roupas “chiques” e como inadequadas para o clima quente.

Procuramos também chamar a atenção para o que o cartão-postal não mostra, como a presença de camelôs, e o lixo, por exemplo. Hoje é comum na praça, mesmo com a presença de lixeiras, as pessoas jogarem lixo no chão. Será que no passado não havia lixo? O que podemos dizer é que, como o cartão-postal não deixa de ser uma propaganda, o fotógrafo procurou destacar os aspectos positivos da praça, pois os cartões-postais “também se destinam a provocar nossa imaginação, criando uma mensagem positiva sobre esse espaço-tempo.” (PINTO; TURAZZI, 2012, p. 116). Assim, os alunos puderam compreender que toda fotografia é uma fonte produzida com uma determinada intenção. E essa produção da fotografia acaba por ocultar também vários elementos que não se queria destacar.

Outro cartão postal utilizado, também do livro *Belém da Saudade*, mostra o trapiche da Vila, no qual desembarcavam os vapores que faziam a linha Belém-Mosqueiro:



Imagem 2: “Na foto, o tradicional trapiche da vila, localizado na Praia do Areião, inaugurado em 1908 pelo governo estadual, para atracação dos vapores que faziam a linha Belém-Mosqueiro.”(Coleção Victorino Chermont de Miranda). (BELÉM DA SAUDADE, 1998, p. 257).

A imagem acima foi utilizada para explicar aos alunos o momento em que Mosqueiro torna-se ponto turístico entre o final do século XIX e início do século XX com a chegada a Belém de técnicos alemães, franceses, ingleses e americanos trazendo o hábito de procurar nos momentos de lazer, lugares belos e agradáveis próximos à cidade com vistas ao repouso semanal. (MEIRA FILHO, *apud* RIBEIRO, 2007, p. 9). O cartão postal reforça mais uma vez a propaganda de que Mosqueiro era uma localidade pronta para receber turistas, inclusive os estrangeiros, com estrutura condizente para os visitantes desfrutarem o seu lazer.

O trapiche, segundo Willame Ribeiro, foi transformando a Vila “na porta de entrada do espaço turístico de Mosqueiro” e sua praça matriz “no centro da vida social mosqueirense, cujos traços arquitetônicos do período da *béle-époque* ainda hoje podem ser observados em diversos pontos de sua paisagem.” (RIBEIRO, 2007, p. 14).

Os dois cartões-postais do início do século XX nos ajudam a relacionar a história de Mosqueiro com a história do Pará, no contexto da chamada *Belle Époque*.^{xi} Os *Parâmetros curriculares nacionais* da área de História para o terceiro ciclo, dentro do eixo temático “História das relações sociais da cultura e do trabalho”, indicam o estudo das paisagens naturais, rurais e urbanas; memórias das

paisagens; relações entre natureza e cidade; natureza e economia do turismo. (BRASIL, 1998, p. 58).

A próxima imagem utilizada se refere a uma família em frente ao chalé Cardoso:



Imagem 3: Fotografia de uma família em frente ao chalé Cardoso, no Chapéu Virado, possivelmente dos anos 1920. Acervo de Maria Isabela Faciola Pessoa. (Imagem disponível no Blog do Haroldo Baleixe: <http://haroldobaleixe.blogspot.com.br/2009/04/mario-de-andrade-no-mosqueiro-chapeu.html> . Acesso em 3 jun. 2015).

Nessa fotografia, ressaltamos a importância dos chalés como local de residência de férias das famílias de classes sociais mais abastadas no contexto da *Belle Époque*. Conforme Willame Ribeiro,

um dos principais vetores na constituição do espaço turístico de Mosqueiro, que incorporava as praias do oeste da Ilha, consistiu na construção de grandes palacetes dotados de forte adequação às áreas de praia, os chalés, sendo fundados ou inspirados em arquitetura européia, essas residências secundárias eram amplas e arejadas possuindo, em geral, uma elevação em relação ao solo que permitia amenizar a umidade, da mesma forma que os muros baixos permitiam uma maior interação com a praia. A construção desses chalés está atrelada ao contexto de riqueza e suntuosidade da *belle époque*. (RIBEIRO, 2007, p. 13).

Os casarões mosqueirenses receberam a influência do local de origem dos seus proprietários, de famílias estrangeiras como os Lochard, os Ponted, os Smith, os Upton, os Kaulfuss, os Arouch, etc. (OLIVEIRA, 2006, p. 34). Em função disso, é possível identificar a predominância de certos gêneros, como é o caso da arquitetura eclética alemã, presente, por exemplo, no Canto do Sabiá. (OLIVEIRA, 2006, p. 37).

Também é importante destacar a paisagem, cercada de árvores, e com rua ainda não asfaltada, além da vestimenta das pessoas, bastante diferente de hoje.

A próxima imagem utilizada se relaciona aos meios de transportes:



Imagem 4: Fotografia de 1933: Um dos bondes, talvez, destravados da Locomotiva “Pata Choca”, que em idos das décadas de 1920 e 1930, fazia o transporte de passageiros entre a Vila - do trapiche - até a curva do Murubira. Acervo particular do Sr Luiz Anciães, morador do Rio de Janeiro. (Imagem disponível no Blog *Mosqueirando*: <http://www.mosqueirando.blogspot.com.br/2012/12/na-rota-da-historia-locomotiva-pata.html> Acesso em 3 jun. 2015)

A imagem acima trata-se de um bonde que circulava em Mosqueiro nas primeiras décadas do século XX. A imagem foi utilizada para que os alunos compreendessem as transformações nos meios de transporte do local em que vivem e de que maneira isso afetou na circulação das pessoas em Mosqueiro. Segundo Francisco Antônio Pereira e Maria Beatriz Mendes, a locomotiva movida a vapor que fazia a linha Vila-Porto Artur, fazia geralmente quatro viagens, sendo duas de manhã e duas à tarde. (PEREIRA; MENDES, 2013, p. 14). Essa é uma imagem importante para o ensino de História, haja vista que os PCN's de História para o terceiro ciclo do ensino fundamental também apontam como objeto de estudo os “meios de transporte e interferências na natureza na implantação de infra-estruturas”. (BRASIL, 1998, p. 59).

Considerações finais

Como atividades de avaliação, solicitamos aos alunos que fizessem textos imaginando como seria a vida em Mosqueiro antigamente e a elaboração de desenhos comparando residências e meios de transporte do passado e do presente.

Os alunos da 5ª série/6º ano demonstraram curiosidade durante a apresentação das fotografias, reconheceram os locais, mas acharam estranhas as roupas “chiques” utilizadas pelas pessoas, como o fato dos homens andarem de gravata e as mulheres de vestido em pleno calor.

Os alunos também se mostraram surpresos com a antiguidade dos chalés ou casarões de Mosqueiro. Vários ressaltaram que hoje a maioria dos casarões está “caindo aos pedaços”, em situação de abandono. Procuramos chamar a atenção para a importância da preservação do patrimônio histórico e que eles, alunos, também lutem pela conservação dos casarões, evitando pichações e depredações. Outro fato que despertou a atenção dos alunos foi a presença de bondes no distrito, o que levou alguns a escrever que “sequer tinham imaginado isso”.

As fotografias selecionadas visavam sobretudo o exercício da comparação passado-presente, pois, como afirmam Carmen Gil e Dóris Almeida:

A História ajuda os alunos a compreenderem o mundo. A análise de processos históricos necessita de procedimentos como observar, identificar e comparar, para, então, chegar a operações mais complexas de estabelecer relações, por exemplo.

(...)

Aprender História implica comparar diferentes tempos, argumentar, posicionar-se e descrever cenários históricos sociais. (GIL; ALMEIDA, 2012, p. 151).

Dessa maneira, podemos dizer que a atividade trouxe resultados positivos, pois os alunos puderam conhecer um pouco mais da história da sua localidade e estabelecer relações entre o passado e o presente, o que, para alunos da 5ª série, é importante justamente para ajudá-los a compreender a importância do estudo da história e demonstrar que eles também fazem parte da história.

Não seríamos justos com os leitores se omitíssemos as dificuldades encontradas ao longo da atividade: falta de tempo para a pesquisa; excesso de alunos por turma; alguns alunos indisciplinados, falta de recursos nas escolas, etc. Algumas situações que a maioria dos professores das escolas públicas brasileiras vivencia. Contudo, o professor, se quiser realmente fazer a diferença, deve ao menos realizar a parte que lhe cabe no ensino.

Um ensino de História baseado apenas na narrativa de eventos e na escrita tende a tornar a aula menos interessante para os alunos. Assim, compreendemos que o estudo da história regional/local a partir de fotografias pode fugir um pouco desse tipo de História que tanto é criticada, mas que ainda é muito frequente nas salas de aula brasileiras, sobretudo pelas condições adversas impostas ao professor do ensino básico, principalmente aos das escolas públicas.

FONTES

Blog da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA. Disponível em: <<http://fauufpa.org/>> Acesso em: 14 jun. 2015.

Blog do Haroldo Baleixe. Disponível em: <<http://haroldobaleixe.blogspot.com.br/>> Acesso em: 14 jun. 2015.

Blog *Mosqueirando*. Disponível em: <<http://www.mosqueirando.blogspot.com.br/>> Acesso em: 14 jun. 2015.

Blog *Mosqueiro Sustentável*. Disponível em: <<http://mosqueirosustentavel.blogspot.com.br/>> Acesso em: 14 jun. 2015.

REFERÊNCIAS

Belém da saudade: A memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2 ed. Belém: Secult, 1998.

BEZERRA, Holien Gonçalves. “Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos”. In: KARNAL, Leandro. (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2012.

BITTENCOURT, Circe. “Documentos não escritos na sala de aula”. In: *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. “Livros didáticos entre textos e imagens.” In: BITTENCOURT, Circe. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- FONSECA, Selva Guimarães. “O estudo da História Local e a construção de identidades”. In: *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas-SP: Papirus, 2003.
- GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. “Conversando sobre avaliação em História”. In: *A docência em História: reflexões e propostas para ações*. Erechim-RS: Edelbra, 2012.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: *História e memória*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- MARTINS, Marcos Lobato. “História Regional”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Novos temas nas aulas de História*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MEIRA FILHO, Augusto. *Mosqueiro: ilhas e vilas*. Belém: Grafisa, 1978.
- NADAI, Elza. “O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 93, p. 143-162.
- OLIVEIRA, Juliana. “Um pedaço da Europa na Amazônia”. In: BRANDÃO, Eduardo. (coord.). *Ilhas Amazônicas*. Edição 01 – Inaugural, jan. 2006, pp. 34-37.
- OLIVEIRA, Regina Soares de; ALMEIDA, Vanusia Lopes de; FONSECA, Vitória Azevedo da. “A utilização da fotografia em sala de aula”. In: *A reflexão e a prática no ensino – Volume 6 – História*. São Paulo: Blucher, 2012.
- PEREIRA, Francisco Antônio Almeida; MENDES, Maria Beatriz Pacheco. *Mosqueiro: uma viagem ao passado*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2013.
- PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. “Fotografia e ensino de história”. In: *Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia*. São Paulo: Moderna, 2012.
- RIBEIRO, Willame de Oliveira. *Ordem e desordem do território turístico: a chegada do estrangeiro e os conflitos de territorialidades na orla oeste de Mosqueiro*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- SARGES, Maria de Nazaré. “Do traçado de Landi ao plasmador da cidade: a obra historiográfica de Augusto Meira Filho”. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia. (orgs.). *Diálogos entre história, literatura & memória*. Belém: Paka-Tatu, 2007.
- _____. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3 ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

Ver-o-Pará. Centenário de Mosqueiro. Belém: Agência Ver Editora, jul. 1995.

NOTAS

ⁱ Versões preliminares deste trabalho foram apresentadas na XII Mostra de Saberes da SEMEC, ocorrida em Belém-PA, entre 17 e 19 de novembro de 2014; e no II Simpósio de História em Estudos Amazônicos, ocorrido em Belém-PA, entre 15 e 18 de junho de 2015.

ⁱⁱ Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do curso de Licenciatura em História da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA) e do ensino fundamental da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Belém-PA, distrito Mosqueiro. E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Mosqueiro é um distrito pertencente a Belém, localizado cerca de 70 km. da capital paraense. É composto por trinta e cinco ilhas. No período colonial, boa parte das terras que hoje formam o distrito pertencia ao distrito de Benfica. No atual bairro do Carananduba, foram erguidas no século XVIII as primeiras habitações coloniais, as fazendas Santana, na praia do Paraíso, e a fazenda ou sítio Conceição. No campo político, Mosqueiro foi elevado à categoria de Freguesia em 1869, e depois ganhou status de Vila, em 6 de julho de 1895. (VER-O-PARÁ, 1995, pp. 4-6).

^{iv} Sarges cita algumas obras publicadas por Augusto Meira Filho nos anos 1970: *Nossa Senhora de Belém; Evolução histórica de Belém do Grão-Pará; Contribuição à história de Belém; Antônio José de Lemos, o plasmador de Belém: em defesa de um nome; Meu canto de rua; A capela de Santo Alexandre; O Bi-Secular Palácio de Landi; Nova contribuição ao estudo de Landi*, etc. (SARGES, 2007, p. 330).

^v No Prefácio da obra, Augusto Meira Filho afirma que o seu desejo com o livro foi o de “demonstrar com farta documentação e ilustrações, o processo, a luta, a quota de sacrifício de alguns a favor dos interesses de muitos, vencendo, finalmente, essa guerra na construção da rodovia que permitiu a ligação via terrestre, de Belém às belas praias mosqueirenses e a segunda grande investida para a construção da ponte sobre o Furo das Marinhas.” (MEIRA FILHO, 1978, p. 19). Cabe ressaltar que a PA-391, rodovia que liga Mosqueiro à BR-316, caminho para se chegar à capital Belém, é denominada “Rodovia Engenheiro Augusto Meira Filho”.

^{vi} As revistas consultadas foram *Ver-o-Pará*, revista comemorativa patrocinada pela prefeitura de Belém em homenagem ao Centenário de Mosqueiro; e *Ilhas Amazônicas*, coordenada pelo professor Eduardo Brandão.

^{vii} Ver: <<http://www.mosqueirando.blogspot.com.br/>> Acesso em 14 jun. 2015.

^{viii} Ver: <<http://mosqueirosustentavel.blogspot.com.br/>> Acesso em 14 jun. 2015.

^{ix} Ver: <<http://haroldobaleixe.blogspot.com.br/>> Acesso em 14 jun. 2015.

^x Ver: <<http://fauufpa.org/>> Acesso em 14 jun. 2015.

^{xi} O período da *Belle Époque* no Pará refere-se ao período no qual a Amazônia torna-se a maior exportadora de borracha no mundo, entre o final do século XIX e início do XX. Maria de Nazaré Sarges aponta que “uma série de melhoramentos foi realizada no espaço urbano de Belém, como pavimentação das ruas, construção de praças e jardins, usinas de incineração de lixo, limpeza urbana, tudo isso controlado por um código de posturas, baseado em ideias liberais. Entretanto, todo esse ‘progresso’ era localizado e dirigido à área central da cidade, onde habitava a elite local e parte da classe média nascente.” (SARGES, 2010, p. 158).

Received on June 20, 2015.

Accept on July 28, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.